

PAÍS EM CRISE

# SUBTERRÂNEO

## Recessão e desemprego fazem a informalidade voltar a crescer após mais de uma década em queda



VITOR JUBINI

**De volta para a rua**  
Dé tinha uma loja de eletrônicos, mas a crise o colocou de volta à Rua da Alfândega, no Centro de Vitória. **FOTO: Vitor Jubini**

RAFAEL SILVA  
rfeitas@redgazeta.com.br

Há um ano, André Souza, o Dé, era dono de uma loja de produtos eletrônicos em Campo Grande, em Cariacica, empregava três pessoas e, cadastrado como Microempreendedor Individual (MEI), pagava todos os tributos. Com a queda nas vendas, ele precisou fechar as portas e voltar para uma esquina na Rua da Alfândega, Centro de Vitória, onde trabalha como camelô e consegue ter uma receita maior do que na loja. “Minha família trabalha com vendas na rua há 30 anos. Me formalizei, achei que iria dar uma guinada, mas ganho mais na rua, não tive como manter”.

O mercado que Dé ajuda a mover, a chamada Economia Subterrânea, responde por 16,2% do Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro, algo perto de R\$ 957 bilhões, de acordo com o Índice de Economia Subterrânea (IES) da Fundação

Getúlio Vargas (FGV) e do Instituto Brasileiro de Ética Concorrencial (Etco). No Espírito Santo, a Federação do Comércio estima que os informais movimentem R\$ 19,14 bilhões por ano.

Após 11 anos de seguidas quedas, a economia subterrânea voltou a crescer no Brasil em 2015. A crise econômica é apontada como responsável pelo movimento, é o que avalia o pesquisador de Economia Aplicada da FGV Fernando de Holanda Barbosa Filho. Para ele, a recessão e o desemprego são os principais fatores. “Em países desenvolvidos, os informais representam, em média, 10% do PIB. Estávamos caminhando para isso, mas no último ano houve um grupo grande de pessoas que migrou do formal para o informal”.

Embora o avanço da informalidade tenha sido pequeno, é a inflexão de um movimento iniciado lá em 2003, quando a economia subterrânea respondia por

### CONTA PRÓPRIA

## 27 mil

**Trabalhadores**  
É o número de pessoas que passaram a trabalhar por conta própria em 2015.

21% do PIB. O crescimento econômico da década passada patrocinou essa formalização em massa, mas a crise mudou o cenário.

No Espírito Santo, enquanto 45 mil postos com carteira assinada foram fechados nos últimos 12 meses - dado do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged) -, 3 mil vagas por conta própria foram abertas na comparação entre o primeiro trimestre deste ano com os três primeiros meses de 2015, de acordo com o IBGE.

Importante frisar que nem todo trabalhador por conta própria é considera-

do informal. Ao todo, 447 mil pessoas integram o grupo. Desses, 260 mil não pagam imposto nem contribuem para o INSS, enquanto que outros 186 mil são autônomos ou empreendedores individuais com cobertura previdenciária, mas mantêm, em maioria, um DNA informal.

### INDIVIDUAL

Mesmo “formalizados”, muitos autônomos não pagam ICMS, ISS e Imposto de Renda. O empreendedor individual, por exemplo, atingiu, em junho, a maior inadimplência de INSS desde 2008. Seis em cada dez estão com atraso há mais de 90 dias com as obrigações tributárias.

O segmento conta própria contribuinte do INSS tem se expandido desde 2012. Em quatro anos, 74 mil pessoas entraram para o setor, sendo 27 mil a partir do primeiro trimestre de 2015. Prova de que a crise pode ter acelerado essa

condição, segundo análise do Instituto Jones dos Santos Neves (IJSN) a partir de dados da Pesquisa Nacional por Amostra em Domicílios (Pnad) do IBGE.

Os setores que mais ganharam trabalhadores por conta própria, de acordo com a diretora de estudos e pesquisas do IJSN, Ana Carolina Giuberti, entre o primeiro trimestre de 2015 e o primeiro trimestre de 2016, foram transporte e armazenagem (58%), e alojamento e alimentação (37%)

“Os incentivos do governo estão contribuindo para o crescimento do trabalho por conta própria nesta época de alto desemprego. Não são trabalhadores necessariamente informais, são empreendedores que contribuem para a Previdência. Não dá para saber se elas pagam ou não impostos”, explica Ana Carolina ao lembrar que o Espírito Santo atingiu uma taxa de desocupação de 11%.

### INFORMAL

## R\$ 19 bilhões

É quanto movimentada a economia subterrânea no Estado por ano

## 447 mil

Pessoas trabalham por conta própria no Espírito Santo

## 45 mil

Vagas formais foram fechadas no Estado nos últimos 12 meses

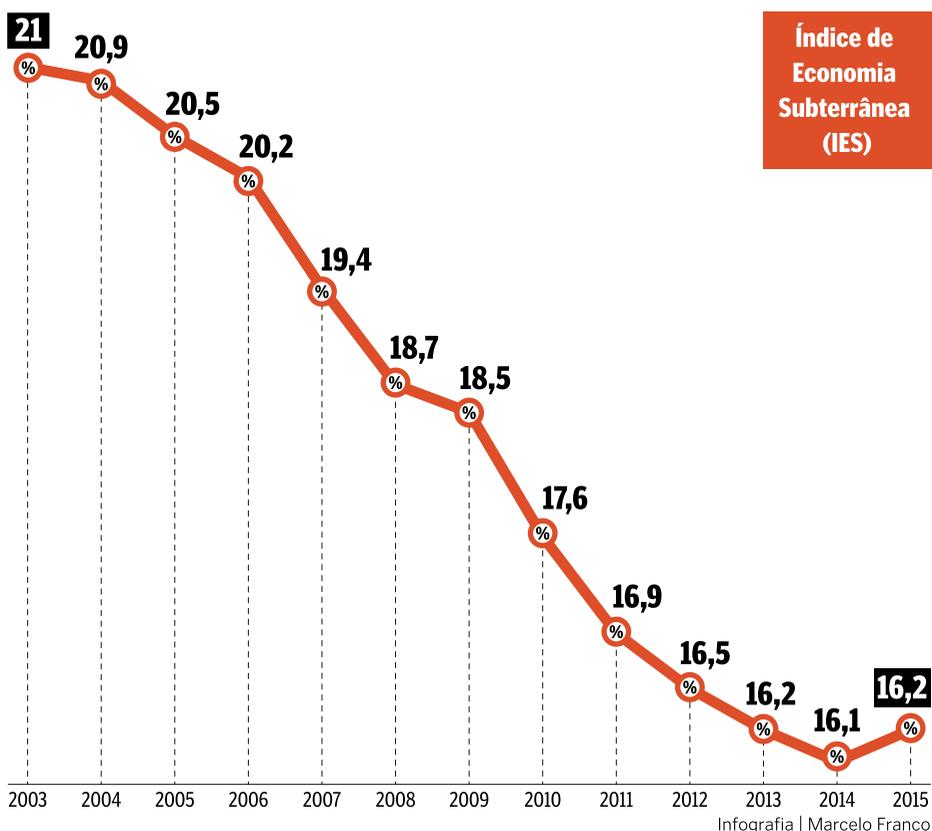
## Políticas incentivam formalização

/// A Grande Vitória possui 1.834 vendedores ambulantes cadastrados nas gerências de postura das prefeituras. Vila Velha lidera o ranking, com cerca de 1 mil ambulantes; seguida de Vitória, com 454; Cariacica, com 380; e Serra, com 300. Entre os vendedores que se cadastram, a maioria trabalha com o setor de alimentos.

Se por um lado os ambulantes demonstram um potencial empreendedor, por outro o poder público enfrenta dificuldades para formalizar esses trabalhadores.

Há ainda as dificuldades para tirar essas pessoas da situação de vulnerabilidade previdenciária e de torná-las contribuintes. É o que explica o diretor presidente do Instituto de Desenvolvimento do Município de Cariacica (Idesc), Albuíno Azeredo Junior.

“Nosso interesse é que eles se formalizem e tentamos atraí-los disponibilizando empréstimos, por meio da parceria com o Banes. Como crescem de maneira desordenada, ocupando ruas e calçadas, nosso trabalho é tentar organizar este crescimento”, assinala.



**Índice de Economia Subterrânea (IES)**

NA RUA

# Preços baixos e diversidade atraem consumidores

**Especialistas alertam para riscos que o mercado informal traz para a economia**

RAFAEL SILVA  
rfreitas@redgazeta.com.br

A professora universitária Vânia Teles se declara uma consumidora voraz do comércio informal. Chega a gastar até R\$ 150 por mês com maquiagem, comida, capinhas de celular, bolsas e outros produtos vendidos por ambulantes.

“Não tenho problema nenhum com isso. Se eu gostar, compro mesmo. É algo do brasileiro, tem em todo lugar. Na faculdade em que trabalho tem muita gente que só consegue manter a mensalidade em dia com a venda de bombons, por exemplo. É algo comum da nossa economia”.

Na dinâmica do comércio informal “vale mais os produtos que valem menos”, ou seja, as mercadorias vendidas a preços mais baixos. Pelo menos esse é o mantra seguido pelo vendedor ambulante Antônio Barbosa Cavalcante. Ele trabalha há 15 anos no Centro de Vitória, já teve lojas e voltou a armar sua barraca na rua em dezembro de 2015, depois da queda nas vendas.

“Não dá para fazer na loja o mesmo preço que faço na

**DESLEAL**

“Como competir com os preços de quem não arca com a carga de impostos? Meu apelo é para que a sociedade não alimente esse tipo de comércio”

IDALBERTO MORO  
VICE-PRESIDENTE DA FECOMÉRCIO-ES

rua. Se eu tenho um produto que custa mais de R\$ 10 já fica mais difícil de vender. Nosso público é o ‘povão’ mesmo, as pessoas querem preços baixos”, revela.

**RISCOS**

Outro setor informal que tem crescido é o das comidas de rua. A estudante Thaynná Silva, moradora do bairro Santa Tereza, em Vitória, conta que durante a noite muitas pessoas vendem comida em barracas e tendas na região.

“Às vezes a gente fica na dúvida em relação à qualidade e procedência, mas o que me chama mais atenção é a variedade. Cada banca tem desde bolos e doces a churrasco e yakissoba. São várias opções a um bom preço”.

Apesar de parecer mais

atrativo em um primeiro momento, especialistas apontam para os riscos que o consumo de produtos no mercado informal podem trazer para a economia. Evandro Guimarães, presidente do Instituto Brasileiro de Ética Concorrencial (Etco), alerta para o ambiente de transgressão que ela pode causar.

“Quando consumimos produtos que não pagam impostos, provocamos a redução dos recursos governamentais destinados a programas sociais e a investimentos em infraestrutura”, lembra.

O vice-presidente da Federação do Comércio do Espírito Santo (Fecomércio-ES), Idalberto Moro, pede para que os consumidores comprem de maneira consciente, dando preferência a produtos com nota fiscal.

“A economia informal gera um prejuízo enorme, pois desmotiva o comerciante regularizado e age contra ele de maneira desleal. Como alguém vai conseguir competir com os preços de quem não arca com a carga de impostos, que não é pequena, a que os comerciantes estão submetidos? Meu apelo é para que a sociedade não alimente esse tipo de comércio”, desabafa.



VITOR JUBINI

## “Na minha mão é mais barato”

O vendedor ambulante Antônio Barbosa Cavalcante já teve loja no Centro de Vitória, mas, diante da crise, voltou para a rua. “Se eu tenho algo que custa mais de R\$ 10, fica difícil de vender. Não pude manter os preços e perdi clientes”



VITOR JUBINI

**Variedade**

A estudante Thaynná Silva diz se preocupar com a qualidade dos produtos, mas revela que os preços baixos acabam falando mais alto.

“Como consumo muita comida de rua, fico preocupada se o que está sendo vendido é limpinho”

THAYNNÁ SILVA  
Estudante



VITOR JUBINI

**Cultural**

A professora universitária Vânia Teles chega a gastar até R\$ 150 por mês em camelôs. Para ela, isso já faz parte da cultura brasileira.

“Compro maquiagem, comidas, capas de celular e bolsas. Não tenho problema com isso”

VÂNIA TELES  
Professora